

Discursos de tradutores em formação sobre línguas-culturas estrangeiras: de um amor que (não) se diz

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3626>

Andressa Franco Oliveira¹
Maria Angélica Deângeli²

*"Pessoas entenderão
melhor o afeto
se souberem que afeto
é tudo aquilo que afeta."
(Carlos Mario Alvarez)*

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar a questão da afetividade que perpassa relatos de tradutores em formação no que diz respeito às relações com as línguas-culturas estrangeiras que estudam. Para tanto, toma-se como referência a temática acerca das relações de amor, proposta pela psicanálise freudiana e lacaniana, tal como exposto por Kristeva (1983) e Frota (2000). Para elaborar este estudo, utilizou-se parte de um *corpus* obtido com as respostas de ex-alunos do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, a um questionário aplicado em pesquisa concluída recentemente. As análises foram feitas com base em uma abordagem discursivo-desconstrutivista, a partir dos trabalhos de Coracini (2019) e Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015).

Palavras-chave: línguas-culturas estrangeiras; relação de amor; tradutores em formação.

1 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; andressa.f.oliveira@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5160-9460>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; angelica.deangeli@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5181-1634>

Discourses of translators in training about foreign languages/cultures: on a love that is (not) said

Abstract

This paper aims at analyzing the issue of affection that pervades narratives of translators in training regarding their relationships with the foreign languages/cultures they study. Therefore, it is taken as a reference the subject on love relationships, proposed by Freudian and Lacanian psychoanalysis, as it is exposed by Kristeva (1983) and Frota (2000). For the elaboration of this study, it was used part of a corpus obtained from the answers of former students of the Bachelor's Degree in Languages with Major in Translation course, from São Paulo State University (Unesp), *campus* of São José do Rio Preto, to a questionnaire applied during a recently concluded research. The analyses were carried out in accordance with a discursive-deconstructivist perspective, based on the works of Coracini (2019) and Da Rosa, Rondelli and Peixoto (2015).

Keywords: foreign languages/cultures; love relationship; translators in training.

Para dar início aos afetos

Afetividade é, nos termos do dicionário Aulete, uma “qualidade, característica ou condição do que ou de quem é ou se mostra afetivo”, atributo que parece estar cada vez mais escasso no mundo contemporâneo, onde guerras, disputas de poder, ódio, intolerância, violência e discriminação imperam. É nos pequenos gestos de solidariedade, amor, respeito, compreensão, empatia e ética que a afetividade emana, atitudes que, de certa forma, também dizem respeito à prática da diferença; afinal, dar voz ao outro, ao diferente, e estar aberto para sua escuta são ações que demandam afeto.

Para além de uma discussão que perpassa questões do senso comum, a afetividade também é um tema bastante presente nos trabalhos de diversos pesquisadores, sobretudo no campo da psicanálise e no âmbito de estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas. De maneira geral, no domínio da psicanálise, o debate a respeito dessa questão procura tratar de aspectos clínicos atrelados a alguns fenômenos, tais como a transferência e a contratransferência. Já na área de ensino-aprendizagem, essa questão é abordada tanto para enfatizar a importância das relações afetivas entre professor-aluno, quanto para discorrer acerca dos afetos mantidos ou não pelos aprendizes de língua estrangeira com a sua própria língua e/ou com a língua do outro.

Neste artigo, recorreremos a conceitos da psicanálise e a questões inseridas no campo do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras para abordar a problemática da afetividade em um cenário no qual essa temática ainda é pouco discutida: o contexto de formação

de tradutores. Para tanto, utilizaremos parte de um *corpus* obtido com as respostas de ex-alunos do então³ curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, de São José do Rio Preto, a um questionário que lhes foi aplicado em pesquisa concluída recentemente.

Assim, neste trabalho, investigaremos a questão da afetividade que perpassa relatos de tradutores em formação sobre as línguas-culturas estrangeiras que estudam. Para tanto, abordaremos a temática das relações de amor proposta pela psicanálise freudiana e lacaniana, a partir de Kristeva (1983) e Frota (2000), e discorreremos acerca da problemática identitária, mais especificamente de questões que concernem às línguas materna e estrangeira, com base em Coracini (2007). As análises que tomarão forma no decorrer deste texto se apoiam em uma abordagem discursivo-desconstrutivista, retomada aqui por meio dos trabalhos de Coracini (2019) e Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015).

A partir dessas questões, tencionamos propor uma análise, por meio de um viés discursivo-psicanalítico, de relatos de tradutores em formação sobre um amor por línguas-culturas estrangeiras que (não) se diz ou que se diz sem dizer, e problematizar em que sentido esse amor pode ser considerado como satisfatório ou não (Cf. Frota, 2000).

O amor em cena

A temática a respeito das relações de amor é amplamente discutida pela psicanálise freudiana e lacaniana. Na obra *Histoires d'amour* (1983), a filósofa e psicanalista Julia Kristeva retoma essa temática para tratar da transferência entre sujeitos, mais especificamente, entre analisando e analista. Para discorrer acerca do amor, Kristeva (1983, p. 1) propõe pensar a psicanálise como uma “busca infinita de renascimentos” que se dá pela “experiência do amor”, experiência que, de acordo com a autora, faz o eu ser *outro*, desafiando a noção de indivíduo como *in-diviso*, isto é, como um ser indivisível. Além desse ponto, a psicanalista também declara que a manifestação do amor põe à prova uma concepção de linguagem como unívoca, referencial e comunicativa, questões que vão ao encontro do que é problematizado por uma abordagem discursivo-desconstrutivista.

3 Recentemente, o curso passou por algumas mudanças em sua estrutura curricular, dentre elas a alteração de sua nomenclatura. A modificação do nome em específico se deu em virtude da extensão do nome anterior, e da necessidade de refletir o nome da profissão e deixar de fazer referência apenas ao profissional do sexo masculino. O curso é denominado agora “Bacharelado em Letras – Tradução” (Informação retirada do Projeto Político-Pedagógico vigente a partir de 2023).

Retomando o trabalho de Kristeva (1983, p. 7), a autora afirma que Freud se dispôs a fazer do amor uma terapia e aos poucos se deu conta de um “amor de transferência” que se estabelecia entre analisando e analista. Segundo ela descreve (1983, p. 8), esse amor se revela quando o sujeito analisando transfere ao analista uma posição de objeto “acolhedor, presente e compreensivo”, um objeto necessário que estaria substituindo alguém de muita importância para o analisando.

É para além de uma relação restrita entre sujeitos que Maria Paula Frota propõe pensar as relações de amor, no artigo “Tradução como uma relação de amor” (2000). Segundo a autora: “A expressão ‘relação de amor’ se refere não apenas às nossas relações amorosas mais estritas, mas às relações que travamos com objetos os mais diversos, inclusive os autores, textos, línguas e culturas estrangeiras com os quais nos relacionamos ao traduzir” (Frota, 2000, p. 182).

De acordo com Frota, a partir de Lacan (1992), a relação de amor se constitui na falta, na cisão, no corte, naquilo que simboliza a impossibilidade de alcançar um objeto completo imaginário. Além disso, levando em consideração uma teoria freudiana, a autora considera que o amor pode ser visto como possível e satisfatório em uma relação que preserve “a diferença entre as representações psíquicas do eu e do outro” (Frota, 2000, p. 186). Segundo ela descreve, em casos como esse, o eu abdica do narcisismo perfeito da infância e obtém satisfação ao investir suas pulsões de maneira equilibrada sobre os objetos que ama, investimento prazeroso tanto para o eu quanto para tais objetos.

Se estendermos essa concepção sobre as relações de amor para o campo do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, poderemos afirmar que, na falta de uma certa “relação de amor” com sua própria língua, o sujeito se vê angustiado e procura, por meio da língua do outro, preencher essa lacuna, tentativa que pode também se ver frustrada. É a respeito dessa questão que trata Gasparini (2010) no artigo “Como a língua materna afeta o sujeito na aprendizagem de línguas estrangeiras?”, no qual, de maneira geral, a autora discorre acerca das relações estabelecidas entre sujeito e língua materna e de suas implicações para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Para desenvolver esse estudo, Gasparini (2010) leva em consideração uma concepção lacaniana de sujeito, que o compreende enquanto um ser atravessado pelo inconsciente, sendo esse último estruturado como uma linguagem (Cf. Lacan, 1985). A partir dessa afirmação, a pesquisadora reflete sobre algumas marcas deixadas pela língua materna na constituição dos sujeitos, marcas que influenciam as relações que eles mantêm ou não com as línguas estrangeiras aprendidas posteriormente. Conforme ela relata, tais marcas decorrem da afetividade que perpassa a língua materna, língua responsável por inserir o sujeito no campo simbólico.

A respeito dessa afetividade, Gasparini (2010) aponta dois possíveis cenários que envolvem língua materna e sujeito: a língua mãe pode ora representar um lugar de

conforto para o sujeito, promovendo nele uma sensação de segurança para se expressar por meio dela, e adquirindo um caráter especial também para esse sujeito; ora simbolizar um desconforto, que resulta de um impedimento que ela exerce sobre o sujeito e que barra a livre expressão de seus desejos. Nesse caso, o sujeito é incapaz de alcançar a posição de *senhor de seu dizer* na própria língua, sendo esse um dos motivos pelos quais:

A possibilidade de falar idiomas diversos do seu parece prometer a esse sujeito a completude imaginária que lhe foi negada por sua língua infantil. Para ele há uma necessidade de distanciar-se da língua materna para que se abram as possibilidades de ele encontrar o lugar de sua expressão e as suas verdadeiras significações. Cada um dos novos idiomas que se propõe a aprender surge como uma nova promessa de falar de seu desejo, impor-se enquanto sujeito que não encontrou espaço para sua expressividade no idioma de sua mãe, pois seus discursos na língua materna não puderam afirmar sua liberdade subjetiva (Gasparini, 2010, p. 7).

Assim, postulamos que as relações de amor travadas pelos sujeitos com as línguas estrangeiras que estudam podem estar atreladas a uma ruptura afetiva com a língua materna e a um corte que essa língua exerce na constituição do sujeito. É a respeito da relação que mantemos ou não com a nossa língua e com a língua do outro que trata Coracini na obra *A celebração do outro* (2007).

Nesse trabalho, dentre outras questões, a autora propõe pensar a aprendizagem de língua estrangeira como um processo que interfere na constituição identitária dos sujeitos aprendizes e que modifica nossa percepção sobre o outro e sobre nós mesmos. Para ela, quando aprendemos uma língua diferente, entramos em contato com o outro, com suas vozes, sua cultura, sua forma de agir e pensar, e sua percepção sobre o mundo, elementos que se diferem dos nossos e que podem se tornar tão atraentes para o sujeito a ponto de a língua-cultura estrangeira se transformar em objeto de desejo, desejo do outro ou desejo de ser o desejo do outro. Sobre isso, a pesquisadora afirma que:

Os casos em que aprender uma língua estrangeira constitui uma forte atração para o sujeito podem ser explicados, de modo geral, como o desejo do outro, desse outro que nos constitui e cujo acesso nos é interdito, esse outro que viria, ainda que ilusoriamente, completar o um (Coracini, 2007, p. 153).

Tendo em vista a fundamentação teórica apresentada anteriormente, tencionamos, neste trabalho, apresentar possíveis interpretações acerca do que tradutores em formação revelam (ou não) em seus discursos sobre esse afeto para com as línguas que estudam, e problematizar em que sentido esse amor pela(s) língua(s) pode ser considerado satisfatório ou não.

Contexto e abordagem

Para tratar das questões elucidadas até o momento, utilizamos parte de um *corpus* formado pelas respostas de ex-alunos do então curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, a um questionário aplicado durante pesquisa⁴ recém-concluída. Neste artigo, destacamos a questão que concerne à língua estrangeira – do par linguístico estudado pelos discentes – com a qual eles mais se identificam e aos motivos que justificam a sua identificação.

A fim de facilitar a compreensão acerca do contexto ao qual este trabalho está atrelado, faremos, na sequência, uma apresentação sintética do curso mencionado previamente a partir de seu Projeto Pedagógico⁵. O então curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, é reconhecido pela Portaria MEC n° 77, de 18/02/1983 e pela Portaria CEE-GP n° 429, de 11/11/2002. Depois de diversas mudanças em sua proposta curricular, foi aprovada a Resolução Unesp n° 33, de 18/03/2005, por meio da qual se instituíram algumas alterações na configuração do curso. O curso é integral e anual, possui duração mínima de quatro anos e oferece 32 vagas para quem presta o vestibular da Unesp. De acordo com as informações inseridas no Projeto Pedagógico disponibilizado no *site* da universidade, o objetivo do curso é formar profissionais para atuar nas áreas de tradução e versão de textos técnicos, científicos, literários e comerciais.

Dentre alguns diferenciais oferecidos pelo curso, destaca-se o fato de que nesse contexto os discentes têm a oportunidade de aprender duas línguas estrangeiras: uma Língua A, sendo ela o inglês ou o francês, e uma Língua B, que é ou o espanhol ou o italiano. Vale lembrar que a decisão sobre o par linguístico a ser estudado depende muito da classificação dos estudantes no vestibular. Portanto, os candidatos que obtêm resultados melhores na prova têm a vantagem de poder escolher o par linguístico que desejam estudar.

Dada essa breve exposição sobre o contexto deste estudo, para dar continuidade, faremos um delineado da metodologia investigativa utilizada para elaborar as análises.

4 A referida pesquisa foi desenvolvida de acordo com as normas éticas que regem os estudos científicos feitos com seres humanos, tendo sido submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovada. Número do processo: 99305518.0.0000.5466. Comitê de Ética: 5466 – Unesp – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas/*Campus* de São José do Rio Preto/Ibilce.

5 Os dados aos quais fazemos referência foram retirados do Projeto Pedagógico que esteve em andamento de 2005 a 2022. Atualmente, foram feitas algumas alterações no curso, e seu Projeto Pedagógico foi reformulado. Contudo, mantivemos neste trabalho as informações antigas, visto que a pesquisa à qual este artigo está vinculado foi concluída em 2021, antes da reforma do curso supracitado.

A chamada abordagem discursivo-desconstrutivista, como seu nome indica, se apoia em conceitos provenientes do campo da Análise do Discurso e nos ideais oriundos do pensamento da desconstrução. Nessa perspectiva, os elementos linguísticos analisados são considerados parte da subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Com o intuito de tratar dessa abordagem metodológica, tomaremos por base o trabalho “A perspectiva discursivo-desconstrutiva na pesquisa em Linguística Aplicada”, de Coracini (2019).

Nesse texto, a autora afirma que as pesquisas desenvolvidas sob essa abordagem se apoiam em algumas noções propostas pela filosofia foucaultiana, sendo elas as noções de discurso, formação discursiva, relações de poder e o conceito de verdade. Além dessas questões, os estudos elaborados com base nessa perspectiva também se pautam pelo pensamento derridiano da desconstrução, opondo-se aos ideais binários do logocentrismo e à concepção de sujeito racional. Por fim, as investigações que seguem essa ótica são formuladas a partir de um viés lacaniano, compreendendo o sujeito como um ser atravessado pelo inconsciente, e a linguagem, como o espaço do equívoco.

Todos esses aspectos põem em xeque um ideal de ciência enquanto espaço regido única e exclusivamente pela objetividade, pois eles dizem respeito à impossibilidade de o pesquisador se distanciar de seus dados a fim de evitar comprometê-los, uma vez que, ao interpretar, inserimos, ainda que inconscientemente, nossa subjetividade no texto. Vale sublinhar, conforme lembra Coracini (2019), que tais dados não preexistem à pesquisa, mas são construídos por meio de uma leitura aprofundada e mediante a sua interpretação.

Ao discorrer acerca da elaboração das análises nessa abordagem metodológica, a pesquisadora conclui que é preciso ir muito além do que uma leitura superficial pode promover, e que é necessário problematizar os dados, duvidar das palavras e de seus sentidos na tentativa de descobrir, isto é, revelar, “desfazer o pano” (Cf. Derrida, 2005) que encobre o que está abrigado nas formações do inconsciente.

Outro trabalho que também se debruça sobre a abordagem discursivo-desconstrutivista é o artigo “Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du) elos e (des)caminhos”, de Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015). Nesse texto, as autoras articulam os pensamentos de Foucault, Derrida e Lacan sobre noções de linguagem, subjetividade e discurso.

Com relação à primeira noção, as pesquisadoras fazem um paralelo entre correntes teóricas distintas e suas perspectivas sobre a língua(gem). Conforme declaram, a Linguística Aplicada, por ser uma área marcada pela interdisciplinaridade, se afasta da ciência moderna e dos ideais defendidos por ela, tal como o da objetividade científica. Nesse sentido, a LA, como elas descrevem, se aproxima do pensamento desconstrutor

que rege a abordagem discursivo-desconstrutivista. Ainda sobre essa concepção, os teóricos outrora mencionados questionam o ponto de vista que considera a linguagem como um instrumento mediador da realidade e capaz de descrevê-la por completo. Para eles, os significados nunca estão presentes, mas são sempre adiados, formando-se a partir da construção que a linguagem faz sobre a realidade, e não a partir de uma descrição dela.

No que tange à noção de discurso, as pesquisadoras examinam como a binaridade presença-consciência é colocada à prova pela concepção discursiva dos pensadores apresentados anteriormente. Para as autoras, Lacan promove uma ruptura desse binarismo ao tratar do ato falho como produção do “[...] equívoco daquele (e naquele) que enuncia e/ou que entende [...]” (Da Rosa; Rondelli; Peixoto, 2015, p. 262). Assim, conforme elas afirmam, discurso é, para o psicanalista, aquilo que “antecede e excede” o dizer, “o que se silencia” e “o que se repete nos sintomas” (2015, p. 263). Já o historiador Michel Foucault, como relatam, compreende o discurso como “modos de coerção” marcados por jogos de força (Da Rosa; Rondelli; Peixoto, 2015, p. 263) e constituídos por “descontinuidade”, “desordem” e “desencadeamento”, o que aponta para a ausência de um eu (2015, p. 264). O filósofo Jacques Derrida, por sua vez, questiona os conceitos de *presença* e *consciência*, propondo pensar o discurso não como *presença* de únicos sentidos possíveis, mas enquanto efeito da *différance*, ou seja, como um eterno adiamento de sentidos que se dá espacial e temporariamente.

Por fim, quanto ao conceito de subjetividade, Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015) discutem algumas aproximações e alguns distanciamentos entre os pensamentos de Lacan, Derrida e Foucault a respeito da concepção de sujeito. De acordo com o que relatam, Lacan, ao reler o conceito freudiano de inconsciente, questiona a noção de sujeito cartesiano enquanto ser que detém o controle daquilo que diz e que faz. Para o psicanalista, o sujeito é atravessado pelo inconsciente e é compreendido como um furo no discurso, o que revela uma existência dividida e transitória. Tal concepção se aproxima daquela proposta por Derrida (2015, p. 270), pois ao descrever o sujeito como “*differ-ente* em si mesmo”, o filósofo reforça o elo existente entre psicanálise e desconstrução. Diferentemente de como Lacan e Derrida concebem o sujeito, para Foucault, como apontam as autoras, o sujeito é pensado a partir das instituições e do modo como elas o formam e o transformam. Para o historiador, o sujeito deve ser pensado como descentrado e como um construto, pois ele é construído a partir de discursos que lhe são externos, os quais são compostos por “regimes de verdade, a partir das relações de saber e poder” (Derrida, 2015, p. 272).

A partir do *corpus* apresentado e da metodologia a ser utilizada para elaboração das análises, propomos, na sequência, verificar elementos que concernem à afetividade de sujeitos-tradutores constituídos por línguas-culturas estrangeiras.

Relatos de um amor pela língua do outro

Apresentaremos, nesta etapa, uma análise qualitativa de cinco fragmentos que respondem à pergunta “Com qual língua, do par linguístico que você estuda, você mais se identifica? Por quê? Quais são suas impressões com relação à cultura veiculada por essa língua?”, inserida no questionário aplicado em pesquisa concluída recentemente. A partir disso, refletiremos acerca da questão da afetividade que perpassa relatos de tradutores em formação no que diz respeito às relações mantidas ou não com as línguas-culturas estrangeiras que estudam.

Vale ressaltar que os discursos apresentados aqui estão enumerados de S1 (sujeito número 1) a S97 (sujeito número 97), numeração que corresponde àquela feita durante o desenvolvimento do estudo já concluído. Cabe esclarecer também que em nenhum momento os alunos se identificaram nos questionários, garantindo-se assim o anonimato de todos os envolvidos neste trabalho.

Os fragmentos que seguem visam, então, demonstrar possíveis interpretações acerca do que tradutores em formação revelam (ou não) em seus discursos sobre esse afeto para com as línguas que estudam, e problematizar em que sentido esse amor pela(s) língua(s) pode ser considerado satisfatório ou não.

Na sequência, estão dispostos alguns relatos que fazem referência a essa questão.

1. Me identifico mais com o espanhol [...] por suas culturas tão plurais, que podem ser tão distintas e ao mesmo tempo tão próximas da nossa. Mas não desgosto do Francês [sic]: amo (de verdade) as artes francesas, bem como a história e a cultura imponente, bela e antiquíssima da França; só acho tudo o que é francês um pouco mais “estrangeiro” e distante (S91).

Neste excerto, nota-se que S91 se identifica mais com a língua espanhola devido a uma certa proximidade cultural entre os países que falam essa língua e o seu país. No entanto, contrariamente ao que se poderia esperar, seu discurso revela um amor pelo francês, que é “mais ‘estrangeiro’ e distante”, o que pode parecer um paradoxo. Vale destacar que esse amor é reforçado pelo sujeito ao inserir em seu relato o sintagma “de verdade” entre parênteses, como se ele quisesse enfatizar o real afeto que tem pela cultura francesa. Portanto, esse discurso corrobora a afirmação de Coracini (2007), segundo a qual ao aprender uma língua-cultura diferente, esta pode se tornar tão atraente para o sujeito a ponto de se transformar em seu objeto de desejo: desejo de ser o outro ou desejo de ser o desejo do outro. Além disso, a exaltação que S91 faz sobre a cultura francesa, caracterizando-a como “imponente, bela e antiquíssima” demonstra o seu desejo de ser outro, de pertencer a essa outra cultura em detrimento de sua própria, o que pode sugerir

uma falta que o constitui e que comprova a relação de amor estabelecida entre sujeito e cultura (Cf. Frota, 2000).

2. Me identifico com o espanhol, pois já o estudei no CEL da minha escola e o “jeito latino” me encanta. Amo a cultura espanhola pois tive contato com uma intercambiária mexicana e amei conhecer tudo sobre sua vida e cultura (S12).

Neste fragmento, S12 expressa sua afeição pela cultura latino-americana, mais especificamente pela cultura mexicana. Apesar de parecer que o sujeito se confunde ao tratar da cultura mexicana mencionando a cultura espanhola, o que em um primeiro momento poderia indicar uma certa ilusão de se estar falando de uma mesma cultura, essa “confusão” pode ser resultado de uma associação feita pelo aluno entre língua e cultura. Além disso, ao explicitar seu amor por essa cultura, o que empiricamente revela uma certa “relação de amor”, pode-se dizer, em termos psicanalíticos, que seu discurso se aproxima de uma ilusão de ter atingido completude, ilusão que surge de uma falta, uma lacuna que o sujeito deseja preencher. Levando em consideração a proposição de Frota (2000), segundo Lacan (1992), de que é na falta que se constitui a relação de amor, portanto, pode-se dizer que há, neste caso, uma relação de amor entre sujeito e cultura.

3. Identifico-me muito mais com o Inglês atualmente. Estudo a língua há 14 anos e isso, conseqüentemente, fez com que eu criasse uma facilidade maior para lidar com ela. As culturas dos países que têm o inglês como língua oficial, principalmente os Estados Unidos e Inglaterra, não me trazem bons pensamentos devido ao caráter colonialista que possuem, mas apesar disso, amo a língua inglesa (S67).

O contato de longa data com a língua inglesa e a ilusão de ser o responsável por uma certa predisposição para aprender tal língua são os fatores principais que fazem com que S67 tenha uma maior afinidade com essa língua do que com a segunda língua que estuda. Apesar de mencionar aspectos negativos das culturas estadunidense e inglesa, relativos a uma certa superioridade, preponderância e supremacia, características de países colonizadores, o sujeito não esconde o amor que sente pela língua inglesa, amor que está marcado por um desejo de ser outro, isto é, uma falta, visto que o sujeito estuda essa língua há 14 anos. Vale ressaltar o uso do vocábulo “lidar”, que atenua uma ilusão de simplicidade dessa língua, revelando, pois, uma certa dificuldade do discente em aprendê-la e, evidenciando, portanto, uma outra falta que justifica a relação de amor estabelecida entre sujeito e língua (Cf. Frota, 2000).

4. Eu me identifico mais com o francês, porque gosto mais da língua francesa que da espanhola. Por ser mais parecido com o português, o espanhol me parece menos interessante. Gosto muito das estruturas e dos sons diferentes do francês. Gosto da cultura francesa, admiro sua importância para o mundo, principalmente sua história (S87).

O relato de S87 a respeito de sua identificação pela língua-cultura francesa repete diversas vezes o uso do vocábulo “gostar”, sendo uma delas marcada pelo intensificador “muito”. Além disso, o sujeito também se vale do verbo “admirar”, que nesse contexto reforça o grande apreço que ele tem pela língua-cultura francesa. Todas essas marcações no fio do discurso evidenciam um amor que não se diz ou um amor que se diz sem dizer. Destaca-se a comparação feita entre a língua espanhola e a língua francesa. Na tentativa de justificar sua identificação, o sujeito afirma: “Por ser mais parecido com o português, o espanhol me parece menos interessante. Gosto muito das estruturas e dos sons *diferentes* do francês”, o que demonstra uma maior identificação pela diferença, indo ao encontro do que aponta Coracini (2007) a respeito de uma forte atração pelo que provém do outro, revelando um desejo de ser outro ou de ser o desejo do outro. Ademais, ao reforçar a diferença entre o francês e sua língua materna, S87 parece realçar o corte. A respeito disso, Frota (2000, p. 181) pontua:

[...] A psicanálise [...] mostra que o que mais nos importa [...] consiste não no objeto completo imaginário, mas justamente na sua cisão. Como disse Lacan, não quero que se insista tanto na esfera, o corte é mais importante. [...] cabe à falta a função constitutiva da relação de amor (1992, p. 93 e 119).

Logo, o corte marcado pelo sujeito neste excerto parece favorecer uma relação de amor implícita entre sujeito e língua-cultura.

5. [...] Gosto muito da cultura italiana, me identifico por ser de família italiana, é uma cultura muito rica, aberta e acolhedora. (S76)

Já S76, apesar de abordar tacitamente uma “relação de amor” que se aproxima daquela da empiria, seus argumentos apontam para uma semelhança entre a cultura italiana e a brasileira e um desejo de aproximá-las. Isso se comprova ao tratar da questão da descendência e de elementos da cultura italiana que ele julga serem parecidos ou até mesmo iguais aos de sua própria cultura: como se o aluno quisesse costurar o corte. Dessa forma, seu relato sugere um possível desejo de completude, que provém de uma falta que lhe é constitutiva (Cf. Frota, 2000).

Enlace final

A partir da fundamentação teórica apresentada, da metodologia aplicada e das análises que se teceram, pode-se dizer que os fragmentos trazidos aqui confirmam uma relação de amor entre sujeito e objeto, relação que se constitui pela falta, pelo desejo de alcançar um objeto completo imaginário. Essa ilusão de poder alcançar uma completude é considerada por diversos autores do campo discursivo como necessária, pois o sujeito não consegue lidar com a incompletude que o constitui.

No que diz respeito à teoria freudiana de um amor possível e satisfatório, percebe-se que, na maioria dos casos analisados, os sujeitos fazem alusão a uma diferença entre o eu e o outro, isto é, entre sua língua-cultura e a do outro, o que poderia ser interpretado em um primeiro momento como um amor possível e satisfatório. No entanto, ao mesmo tempo que tratam dessa diferença, eles parecem idealizar o objeto Outro e esvaziar o eu: sua língua-cultura, o que confirma a impossibilidade de um amor satisfatório, pois:

Se há um investimento excessivo de libido no objeto, o eu fica como que vazio, fragilizado, totalmente dependente do objeto que *idealiza*. Esse estado atinge sua fase mais elevada “no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor do objeto” (Freud, 1996, v. 14, p. 83). Anulada a auto-estima e exaltando o outro, que se torna o grande outro, Outro, a satisfação do amor é impossível. Não é raro encontrarmos esse estado de empobrecimento do eu entre os tradutores, muitos dos quais superestimam a escrita autoral, o valor da língua e do texto estrangeiros. Julgam sua escrita e sua língua inferiores e promovem como que um apagamento de suas inefáveis possibilidades. Experimentam um sentimento constante de impotência e frustração, atribuindo apenas ao Outro, estrangeiro, a riqueza e a beleza de expressão (Frota, 2000, p. 184, grifo da autora).

Pode-se concluir, portanto, que essa relação de amor, na maioria das vezes, se estabelece pela contradição, naquilo que é (in)satisfatório, visto que os paradoxos que marcam parte dos discursos apresentados e a idealização excessiva do outro em detrimento do eu se aproximam daquele “contentamento descontente”, de que fala o poeta. Trata-se de um movimento que se situa entre o dizer e o não-dizer, o amar pouco e o amar demais, o sentir-se próximo e distante ao mesmo tempo, num ritmo ditado pela escuta do outro que se faz necessária no processo de ensino-aprendizagem de uma língua-cultura estrangeira.

Agradecimentos

Agradecemos aos ex-alunos do então curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, por terem disponibilizado, de forma voluntária, parte de seu tempo para responder ao questionário aplicado em nossa

pesquisa. Agradecemos também ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

AFETIVIDADE. In: *Dicionário online Caldas Aulete*. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <https://aulete.com.br/afetividade>. Acesso em: 04 ago. 2023.

ALVAREZ, C. M. [Afeto]. [s. l.], 26 ago. 2023. Instagram: @psicanalisedescolada. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwXpEUrUVD/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

CAMÕES, L. de. Soneto 81. In: CAMÕES, L. de. *Rimas*. Lisboa: por Pedro Crasbeeck, 1598, p. 21. Disponível em: <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/records/item/14585-rimas>. Acesso em: 30 ago. 2023.

CORACINI, M. J. A perspectiva discursivo-desconstrutiva na pesquisa em Linguística Aplicada. In: SZUNDY, P. T. C.; TILIO, R.; MELO, G. C. V. (org.). *Inovações e Desafios Epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas*. 1. ed. Campinas: Pontes; ALAB, 2019, v. 1, p. 91-114.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DA ROSA, M.; RONDELLI, D. R. R.; PEIXOTO, M. R. B. S. Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du)elos e (des)caminhos. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 31, p. 253-281, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4450419229318658871>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/frQ3jdpCJY7Khftbsgctmnc/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vols. 11, 12, 14, 18.

FROTA, M. P. Tradução como uma relação de amor. *Alfa*, v. 44, p. 179-187, 2000.

GASPARINI, D. S. R. Como a língua materna afeta o sujeito na aprendizagem de línguas estrangeiras? *Entremeios: revista de estudos do discurso*, v. 1, n. 1, p. 1-10, jul./2010. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 29 nov. 2022.



KRISTEVA, J. *Histoires d'amour*. Paris: Éditions Denoël, 1983.

LACAN, J. *O seminário: livro 8: a transferência*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.